

Paulo e colegas

Estive pensando sobre a conversa de ontem, as motivações, modos de fazer, razões para fazer. Também o que pode ter de positivo, de negativo. Há duas formas extremas de pensar: que o simples fato de ser já é positivo (e daí justifica-se), ou, obviamente, que só desejar ser já é negativo (e inviabiliza-se). Nem tão cá, nem tão lá. Tudo o que fazemos tem um risco, e é esse risco que faz a descoberta.

Creio que sabem como acho importante preservar o ambiente de trabalho na FAU. Estimulá-lo. Tenho uma certa descrença de discursos que idealizam mas não realizam (tanto quanto dos que realizam mas não idealizam), que atribuem mas não suam, pois não vejo como mudar senão no cotidiano. A crítica pela crítica imobiliza e rouba-nos a responsabilidade de transformar, pois não raro se coloca como se fosse de fora, como se fosse pura, como se "não tivesse nada com isso", como na célebre frase "o problema são os outros".

A festa e o cotidiano são importantes, mas a festa sempre se apresenta como criativa, excepcional, já o cotidiano, para muitos, não passa do aborrecimento da rotina. Que bobagem, a de quem confunde cotidiano com rotina! A festa (entendi pelo texto que não estão pensando só na festa, mas ainda não sei se pensam mais na discussão do que no trabalho, se bem que também procurem uma outra forma de trabalho) vem associada a liberdade; o cotidiano, a limitação. Isso só seria uma fuga da vida, o cotidiano é sempre criativo, sempre a raiz da liberdade. Ora, a festa existe por causa do cotidiano, no entanto o cotidiano é a maior matéria de transformação.

Numa sociedade em que tudo vem pronto, e tudo é aparência (tudo é cobiça) não custa lembrar o que é cultura: uma transformação do tempo, dia-a-dia, ciclo-a-ciclo. Há um *anti-tempo* contemporâneo que rouba ao presente qualquer momento que não seja "in". Teremos que achar um tempo que não seja ativismo insaciável, que seja tempo, que não esteja todo tomado. As crianças hoje nascem desempregadas, com medo da perda que ainda não viveram, então se preparam para deixar nada vago, nada gratuito. Mas nem tudo é aparência, nem tudo é cobiça, se a vida deve fazer sentido. Vivemos como uma televisão, um encadeamento de estímulos sem fim, sem pausa, em que cada segundo está tomado por uma intencionalidade, uma vontade de ganho, uma distração e uma substituição.

Há de fato muitos alunos motivados à discussão? Qual a origem dessa motivação? A discussão deve ser um momento subtraído ao cotidiano ou deve acontecer nas práticas cotidianas, quase sem se perceber? O que se deve discutir e por que? Onde se quer chegar? Que subtrações realizar ao cotidiano que contribuam com ele efetivamente? Quando e a partir de que se deve discutir? Ou, pura e simplesmente, se deve discutir? Pode-se evitar discutir?

Tenho uma preocupação com a proposta que enviaram, que não a inviabiliza, mas me faz pensar alternativas. O aspecto que me preocupa é a quantidade de vezes que paramos a produção na FAU para discuti-la, como se a discussão imperasse sobre a prática. A prática é uma forma de discutir. É o trabalho o que transforma, o que alimenta a discussão, a convida, lhe dá consistência, permite avançar. Na discussão não há limites, no trabalho há, por isso na discussão não se precisa comprometer, já o trabalho não é possível sem se comprometer.

Será que nosso desejo de participação deve permear todos os espaços, ou existir independente, livre, dando liberdade? Convidando a partir daquilo que contribui, não do que invade. A liberdade não é uma condição que temos em relação aos outros. Mais do que conquistá-la, talvez devêssemos nos preocupar em não tomá-la.

Obviamente, se não achasse a disposição de vocês uma contribuição possível, não escreveria ponderações sobre esse espaço FAU. Assim, me senti na obrigação de lhes apresentar uma sugestão, que mostrasse alternativas, sedimentação, viabilidade, fantasia.

Então, o que poderia ser? Darei um exemplo a partir daquela idéia de um Museu da Cidade, pois acho que ajudaria a pensar a escola na cidade. Espero que ajude. Mas se não servir, nada a preocupar. A sugestão é a de um workshop-charrete-carrinho-de-mão.

A idéia é que o Museu é a cidade, não é o passado em si sua matéria, mas é também o futuro, já que não existe futuro sem memória. A cidade é vida. Esse é um nexos, a cidade está lá, está aqui. O outro, é a invenção da cidade. Poderia se adotar, por exemplo, um livro como as Cidades Invisíveis do Calvino, fazer uma discussão sobre as cidades que ele nos faz ver perante a nossa.

A partir daí os participantes (adesão livre, já que não é no horário-aula) mais e menos assíduos fariam (individualmente/coletivamente) criações-posições-registros sobre a cidade através de várias mídias, que seriam expostas ao longo de uma semana. Todo fim de tarde haveria palestras-debates sobre a cidade, abertas a todos os interessados, com artistas, cineastas, urbanistas, filósofos, moradores, o que quiserem, fechando na sexta uma discussão e organização de grupos de trabalho.

No sábado, em função de temas que seriam tirados antecipadamente na FAU, alunos, professores e funcionários realizam trilhas urbanas: a cidade e a circulação, a cidade e a floresta, a cidade e as águas, a cidade e as festas, a cidade e o trabalho, a cidade e a transgressão, a cidade e as casas, a cidade e o que? O ponto de encontro poderia ser na casa da FAU na cidade, ou seja, na Vila Penteado, não só na Cidade Universitária. No domingo, lá ou outro lugar qualquer, continua a oficina, com a criação de um programa sobre a cidade, ou sobre o ensino-aprendizagem da cidade, ou sobre o museu, tirando no final do dia uma primeira minuta de uma carta não normativa da cidade. Poderia ser aberto a outras escolas.

Invés de invadir apenas as salas sem portas e com portas da FAU, se invadiria a cidade, para que ela também nos invada, nos cobre. O pensamento sobre, e o lugar, se misturando. Restaria avançar em outros momentos, trabalhar (não apenas simular) com a cidade, com a dimensão pública do público e do privado. A cidade é um acontecimento permanente, que contribuições e posicionamentos lhe retornamos enquanto FAU?

De qualquer modo, mais importante do que essa primeira forma ou outra qualquer, é que haja um projeto, um fio condutor. Não é começo meio e fim, por que pode nunca terminar, mas é projeto. A experiência teria um valor, seria uma experiência urbana. Outras vezes, outras.

Bem, fica como parte da contribuição a que me convidaram e estimularam com a proposta que enviaram.

abraços

Euler Sandeville